



GÊNERO E SEXUALIDADE NA GESTÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE NARRATIVAS

Alex Alves Silvestre¹
Silviana Fernandes Mariz²

RESUMO

Este estudo integra uma pesquisa de mestrado em andamento, que investiga como, onde e em que contextos questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são percebidas ou negligenciadas no cotidiano de escolas públicas, a partir das narrativas de diretores escolares. Fundamenta-se em estudos de gênero e sexualidade (Butler, 2017; Louro, 2018), que compreendem a escola como espaço de disputas e relações de poder. A pesquisa é qualitativa, com abordagem da História Oral (Portelli, 2016) e uso de entrevistas narrativas com oito diretores de diferentes etapas da educação básica em Teresina (PI). A seleção dos participantes inicia-se pela articulação da técnica de bola de neve (Vinuto, 2014), associada à aplicação de um questionário a vinte e quatro diretores, com o objetivo de identificar os narradores cujas experiências estejam em consonância com os objetivos da investigação.. Os dados são analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016), articulando dimensões individuais, institucionais e socioculturais. Os resultados parciais, em revisão de literatura, indicam que outros estudos semelhantes evidenciaram que, embora haja reconhecimento da presença da LGBTQfobia, ainda há fragilidades em sua problematização e enfrentamento, pois os diretores escolares lidam com dificuldades para intervir de forma sistemática devido a lacunas formativas, resistências culturais e falta de suporte institucional.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; LGBTQfobia; Gestão Escolar.

Mestrando em Ensino e Formação Docente , UNILAB, Discente, allexped79@gmail.com¹
Professora Associada, UNILAB, Docente, silviana_mariz@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero, sexualidade e LGBTQfobia no contexto educacional têm ganhado cada vez mais visibilidade. Estudos como os de Santos e Lage (2018) e Neves e Nogueira (2024) demonstram que o ambiente escolar é atravessado por práticas pedagógicas que, muitas vezes, reforçam estigmas e exclusões. Esse recorte temático, apesar do crescente interesse acadêmico, ainda representa uma lacuna de pesquisas focadas no diálogo entre as questões de gênero e sexualidade na gestão escolar, especialmente sobre os contextos de professores e estudantes.

Diante desse cenário, o problema de pesquisa deste trabalho pode ser sintetizado na seguinte questão de partida: como as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia se manifestam e são percebidas no cotidiano da gestão escolar a partir das narrativas de diretores de escolas públicas em Teresina (PI)?

Com base nesse problema, a pesquisa tem como objetivo geral analisar, por meio das narrativas de diretores escolares, como as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são vivenciadas, percebidas e/ou silenciadas nas instituições de ensino. Entre os objetivos específicos, destacam-se: identificar situações de discriminação ou exclusão relacionadas à LGBTQfobia relatadas pelos diretores; compreender as estratégias de gestão adotadas para lidar com conflitos e promover inclusão; e discutir as implicações dessas percepções para a formação docente e para a organização dos currículos escolares.

A pesquisa se ancora em autores e autoras que problematizam os dispositivos normativos de gênero e sexualidade, permitindo compreender como essas questões atravessam o cotidiano escolar, a exemplo de Scott (1995), Butler (2017) e Louro (2018) que abordam a construção e regulação de corpos e identidades, enquanto Bento (2021) e Hooks (2013) trazem evidências dos efeitos do silenciamento em espaços de socialização, como a escola. Adicionalmente, dialogamos com Candau (2012) cujas pesquisas têm contribuído com as perspectivas interculturais no currículo, sinalizando os desafios da educação contemporânea frente às diversidades.

No contexto do silenciamento desta temática na escola, Gomes et al. (2022) alertam para a falta de apoio institucional e medidas eficazes, transformando a escola em “território do medo” para estudantes LGBTQIA+, enquanto Pereira e Santos (2023) reforçam a necessidade de inclusão curricular e intervenções pedagógicas para enfrentar a LGBTQfobia.

No âmbito da gestão escolar, Franço et al. (2023) e Santos e Lage (2022) destacam o papel estratégico dos diretores, embora resistências institucionais e lacunas formativas ainda comprometam ações inclusivas. Fetter e Silva (2022) apontam que gestores que incorporam gênero e sexualidade como questões centrais em vivências escolares podem reconfigurar protocolos, currículos e práticas formativas, promovendo ações de inclusão mais efetivas.

Quanto à formação docente, Silva et al. (2023) e evidenciam que, apesar do reconhecimento da importância dessas temáticas pela BNCC e BNC-Formação, sua abordagem permanece superficial, dificultando a atuação crítica dos professores.

Assim, compreender as narrativas de diretores permite analisar de que modo essas questões são abordadas, percebidas ou não visualizadas no cotidiano das instituições, contribuindo para reflexões teóricas e práticas sobre gestão escolar inclusiva.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia no ambiente escolar não podem ser reduzidas a dados numéricos, exigindo uma escuta sensível



às experiências e aos significados atribuídos pelos sujeitos sociais (Minayo, 2017; Yin, 2016). Como estratégia metodológica, utiliza-se a história oral, que possibilita valorizar memórias e vozes frequentemente ausentes nos documentos oficiais. Nessa perspectiva, a entrevista narrativa é compreendida como um processo dialógico de construção de conhecimento, no qual pesquisador e narrador constroem sentidos (Portelli, 2010).

O campo empírico será constituído por oito diretores de escolas públicas de Teresina (PI), contemplando todas as etapas da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Essa escolha busca abranger diferentes realidades, permitindo observar singularidades e recorrências na gestão escolar diante das questões investigadas.

A seleção dos participantes ocorrerá, inicialmente, por meio da técnica de amostragem em bola de neve (Vinuto, 2014), na qual os primeiros diretores selecionados pelo pesquisador poderão indicar outros gestores que atendam aos critérios da pesquisa, garantindo que os participantes possuam experiência suficiente para contribuir com a investigação. Serão considerados dois critérios para indicação dos gestores participantes: (a) ter tempo mínimo de gestão de dois anos, garantindo experiência na administração escolar, e (b) estar disposto a compartilhar experiências detalhadas sobre gestão escolar e conflitos ou práticas relacionadas às questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia, preferencialmente em situações conflituosas ou constrangedoras, nas quais a gestão escolar não teve firmeza para resolução, seja por falta de conhecimento, apoio de diretrizes ou documentos normativos da própria rede ou a nível nacional.

O processo seguirá até atingir um número significativo de participantes, estimando-se a identificação de cerca do triplo do número final de narradores previstos. Esses 24 gestores, selecionados pela técnica de bola de neve, responderão a um questionário de triagem. A análise das respostas permitirá a escolha dos oito narradores definitivos, priorizando a diversidade entre as quatro etapas da educação básica. Dessa forma, a combinação da amostragem em bola de neve com a triagem intencional assegura um campo empírico rico, representativo e pertinente aos objetivos da investigação.

As entrevistas serão gravadas e transcritas integralmente, preservando as marcas da oralidade, e analisadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016), com codificação e categorização temática, de modo a articular o referencial teórico às dimensões emergentes das narrativas e aos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares, advindos da revisão de literatura de estudos com enfoque semelhante, indicam que as questões de gênero e sexualidade são frequentemente reconhecidas no ambiente escolar, mas pouco problematizadas pela gestão, o que evidencia um distanciamento entre percepção e ação (Franzo et al., 2023). Em muitos contextos, essas temáticas permanecem invisibilizadas, dificultando a formulação de estratégias preventivas e de práticas pedagógicas mais efetivas. Entre os desafios, destacam-se resistências culturais, pressões familiares e lacunas na formação inicial e continuada dos gestores (Santos; Lage, 2018). Apesar dessas barreiras, algumas experiências relatadas na literatura evidenciam práticas pontuais de acolhimento e mediação, sinalizando caminhos para a construção de uma gestão mais inclusiva e sensível à diversidade.

Nessa mesma direção, Fetter e Silva (2022) apontam que assumir gênero e sexualidade como eixos estruturantes da prática pedagógica permite à gestão escolar reconfigurar protocolos, currículos e processos formativos. Ao propor uma gestão voltada para a emancipação da diversidade sexual, as autoras defendem que a escola pode se consolidar como espaço de resistência e transformação social, desde que haja comprometimento político-pedagógico dos gestores em articular ações que enfrentem o silenciamento e a



exclusão.

CONCLUSÕES

O estudo ressalta a relevância das narrativas da gestão escolar para compreender como questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são abordadas, percebidas ou, em muitos casos, permanecem invisíveis no cotidiano escolar. Na pré-pesquisa de campo, foram levantadas hipóteses alinhadas aos objetivos do estudo, entre elas: lacunas formativas e invisibilidade curricular das temáticas de gênero e sexualidade; tensões da gestão escolar com famílias e docentes em relação a essas questões; e conflitos decorrentes de crenças religiosas e culturais presentes no ambiente escolar.

Os próximos passos incluem a consolidação dessas categorias por meio da coleta e análise dos dados, bem como a elaboração de um produto educacional, conforme previsto nos programas de mestrado profissional. Esse produto consistirá em uma oficina formativa destinada a diretores escolares, com foco nas questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar, atuando como instrumento de formação para gestores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Silvana pela valiosa orientação e apoio na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. São Paulo: Editora UFMG, 2021.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDAU, V. M. Didática crítica intercultural: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FETTER, S. A.; SILVA, D. R. Q. da. Gestão do pedagógico para a emancipação da diversidade sexual na escola. Revista Educação em Debate, Fortaleza, v. 44, n. 87, p. 110-121, jul. 2022. ISSN 0102-1117. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/educacaoemdebate/article/view/81178>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- FRANZO, G. G.; MIRANDA, N. C.; CHOTOLLI, W. P. Gênero e sexualidade no cotidiano escolar: um estudo de caso sobre a visão de uma gestora. Revista GESTO-DEBATE, Campo Grande - MS, v. 23, n. 07, p. 140-163, jan./dez. 2023. DOI: 10.55028/gd.v7i01.17972. Acesso em: 24 jul. 2024.
- GOMES, J. C. de S.; VIANA, J. P. T.; SENA, A. K. Território do medo: LGBTQfobia no ambiente escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 2022. Anais [...]. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2022/GT07/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD5_ID8488_TB1757_02122022113119.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 25.
- NEVES, F. de Jesus; NOGUEIRA, Clebson Velasque. Retrato das pesquisas científicas sobre bullying homofóbico no ambiente escolar. Revista Humanidades e Inovação, v. 11, n. 4, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8971/5963>. Acesso em: 31 jul. 2025.



- PEREIRA, P.; SANTOS, F. N. dos. Invisibilidade da população LGBTIAP+ nas políticas educacionais brasileiras. Revista Kirikere, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/42823>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- PORTELLI, Alessandro. Ensaios de história oral. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. Rio de Janeiro: Letra e voz, 2010.
- PORTELLI, A. A história oral como a arte da escuta. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- SANTOS, É. S.; LAGE, A. C. LGBTfobia na escola: implicações da gestão escolar. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, v. 26, p. 95-108, jan./abr. 2018. ISSN 1982-3916. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/9176>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Sociedade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, V. O.; MARTELLI, A. C.; SANDRI, S. As temáticas de gênero e sexualidade na BNC-Formação. Revista Diversidade e Educação, Rio Grande, v. 11, n. 1, p. 911-938, 2023. DOI: 10.14295/de.v11i1.15228. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/15228>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Tematicas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 4 set. 2025.
- YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.